

GP, O GRUPO DOS PRODUTORES

***Roberto Rodrigues**

Não passa uma semana sem que o tema Segurança Alimentar seja discutido nos mais diversos eventos pelo mundo todo.

E em cada conferência a mesma conversa se repete, como um mantra trágico: “seremos 9 bilhões de pessoas em 2050, precisamos dobrar a produção de alimentos até lá, a renda dos emergentes vai crescer muito, temos que preservar os recursos naturais, especialmente a água, o aquecimento global vem crescendo, é imperioso compatibilizar a produção de agroenergia com a de alimentos, devemos reduzir o desmatamento”, etc, etc, etc.

Em outras palavras, o diagnóstico está pronto, sabido e decorado. E começa a ficar chato ouvir tanta repetição.

Por outro lado, todo mundo está farto de saber o que deve ser feito para aumentar a produção, com todas as variáveis que envolvem este processo: tecnologia, crédito, infraestrutura e logística, preços de sustentação, seguro rural, estoques com governança global, liberação da política comercial com redução de subsídios dos países ricos, etc, etc, etc. A própria FAO tem isso tudo claramente definido, inclusive com a vertente essencial da organização dos produtores rurais.

Então, porque não se faz nada? Se todo mundo sabe o diagnóstico e o que é preciso fazer, porque não é feito?

Talvez por causa da visão urbana que os governos têm do tema geral de Segurança Alimentar, passando ao largo da produção e se preocupando apenas com o abastecimento, como se fosse possível fazer este sem aquele. Mas abastecimento dá votos, porque os consumidores são urbanos, enorme maioria votante em quase todos os países desenvolvidos. E lá vem discursos, artigos, depoimentos e blá-blá-blá, sem ação consistente voltada para o aumento expressivo da produção.

Talvez faltem também estadistas de verdade para liderar a tomada de posição quanto ao tema, com atitudes concretas.

E talvez falte coordenação entre os países produtores, embora a FAO venha tentando fazer isso, junto com o G20, bloco dos principais países do mundo criado para enfrentar a crise financeira de 2008.

E talvez esteja aqui a solução: a criação de um bloco de países produtores agrícolas para agirem em conjunto na direção do aumento de produção, com políticas integradas e complementares, cada qual cuidando de um pedaço do desafio. A Rodada de Doha da OMC viabilizou a criação de vários grupos de países com interesses comuns: um outro G20, liderado pelo Brasil, com todas as dificuldades inerentes a um grupo com interesses tão díspares quanto os da China e Índia e os do Uruguai, por exemplo. Mas temos o G4, o G7, o G10, o G73 e assim por diante.

Países com disponibilidade de terra para ampliar área agricultável, países que dominem tecnologia agrícola e podem levá-la a outras regiões deveriam se juntar em um outro G, um G de produtores, o GP. Quais seriam eles? Brasil, com certeza, Argentina, Colômbia – na América do Sul –, Canadá,

USA, e México na América do Norte – Índia e Indonésia na Ásia, Austrália na Oceania, Rússia e Ucrânia na Europa, Congo e Sudão na África, são alguns exemplos claros de países que reúnem estas pré-condições.

Mas para isso acontecer, precisa haver vontade política. E o Brasil poderia liderar esta iniciativa.

Claro que não é algo fácil de organizar: se fosse, já estaria funcionando. Há concorrência entre os produtores destes países todos, e harmonizar seus interesses é uma tarefa e tanto. Mas vale a pena tentar. Só assim sairemos do discurso malthusiano e lacrimajante para ações concretas e de interesse de toda a humanidade.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador da FAO para o Ano Internacional do Cooperativismo**